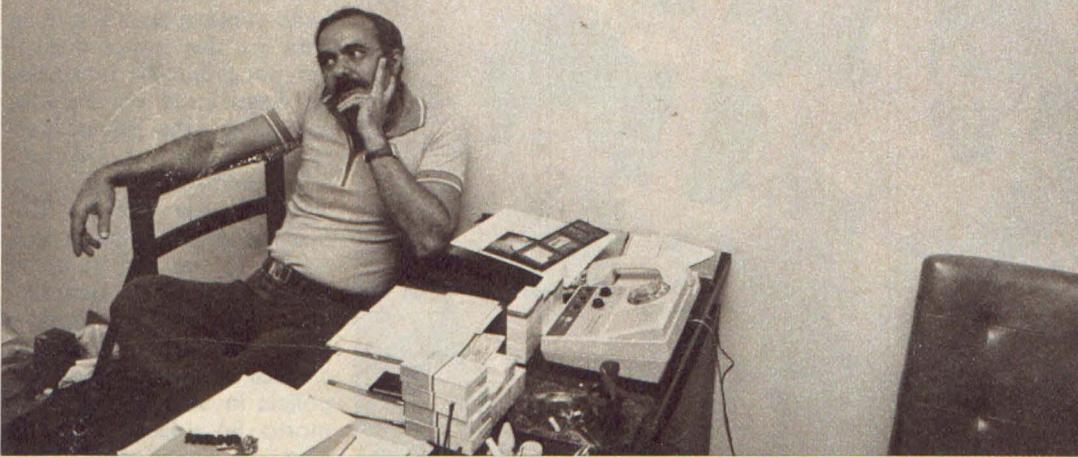
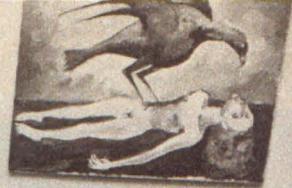


C. R. Paiva

FOTOS ANTONIO AUGUSTO FONTES



Lobo: "Os psicanalistas sabiam que eu trabalhava no DOI-CODI"

nota manuscrita acompanhando um recorte do jornal comunista clandestino *Voz Operária*, que apontava as ligações de Lobo com os órgãos de repressão do regime. Sentindo-se atingidas, as duas sociedades cariocas de psicanálise promoveram uma perícia grafológica, com ajuda da polícia, para identificar a autora da denúncia.

Mentor dessa investigação, Leão Cabernite castigou Helena pouco depois, reprovando-a no exame da SPRJ em que seria promovida a analista-titular, sob a alegação de que ela havia cometido "grave falta ética". Só em 1975, depois de oito pedidos de esclarecimento, Helena foi convocada a uma reunião sigilosa em que sua

falta seria revelada. "Exigiram que eu deixasse minha bolsa na ante-sala", recorda. "E, quando entrei na sala, vi sobre a mesa uma ficha do DOPS com meu nome." Soube, então, que não fora promovida porque denunciara as atividades clandestinas do dr. Lobo. Punição semelhante sofreu em 1980 Hélio Pellegrino, da SPRJ. No dia 2 de outubro, depois de participar de uma mesa-redonda em que o ex-presos político Rômulo Noronha de Albuquerque citou Amílcar Lobo como torturador, Pellegrino formalizou uma denúncia ao então presidente da entidade, Victor Manuel Andrade. Seis dias depois, junto com o colega Eduardo Mascarenhas, outro debatedor da mesa-redonda, foi sumariamente expulso da SPRJ. Pellegrino e Mascarenhas só foram reintegrados por decisão judicial. "Na época, quiseram me convencer de que meu pecado tinha sido a mesa-redonda", comenta agora Pellegrino. "Mas hoje estou certo de que fui expulso por denunciar Lobo."

TORTURA

Psicanálise do medo

A cumplicidade com a repressão dos anos 70

Os 445 psicanalistas cariocas filiados à International Psychoanalytical Association (IPA) começam esta semana a lavar a roupa suja acumulada em suas instituições durante os vinte anos de regime militar. Como a própria psicanálise, será uma tarefa dolorosa, mas certamente muito saudável. Na segunda-feira, os 281 associados da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) participarão de uma assembléia informal na sede do bairro de Humaitá. No mesmo dia, os 164 membros da Sociedade de Psicanálise do Rio de Janeiro (SPRJ) começarão a ser convocados para outra assembléia, marcada para o próximo dia 7, na sede de Botafogo. Todo esse desejo de revolver o próprio passado foi despertado por uma longa entrevista ao *Jornal do Brasil* do ex-aspirante a psicanalista Amílcar Lobo, mais conhecido por ter assessorado sessões de tortura a presos políticos no início dos anos 70. Lobo, na época segundo-tenente lotado no quartel da Polícia Especial da rua Barão de Mesquita, no Rio, admitiu pela primeira vez publicamente ter participado de torturas.

volvendo, de um lado, o psicanalista Leão Cabernite, ex-presidente da SPRJ, com quem Lobo realizou em 1971 e 1973 sua análise didática (análise em moldes especiais exigida para a formação de um psicanalista), e, de outro, o psicanalista Hélio Pellegrino, primeiro terapeuta a denunciar, em carta à SPRJ em outubro de 1980, as ligações de Lobo com a tortura. Na verdade, já em 1973 a psicanalista Helena Besserman Vianna, da SBPRJ, tentara, numa ousadia solitária, denunciar a dupla vida do médico Amílcar Lobo. Ela remeteu à revista psicanalítica argentina *Cuestionamos* uma



Pellegrino: "Fui expulso por denunciar Lobo"

Este interrompera sua análise com Leão Cabernite em 1973, logo após a denúncia de Helena - e não conseguiu mais encontrar um didata com quem pudesse completar sua formação. "No meio psicanalítico, todos sabiam que eu trabalhava no DOI-CODI", disse Lobo a ISTOÉ na semana passada. "O psicanalista Jorge Ernesto da Cunha, por exemplo, chegava a me chamar de 'El Macacón'." Cunha desmente: "Nunca soube que ele trabalhava para a PE". Tudo indica que

a maioria dos colegas fingia não ouvir os boatos sobre as atividades policiais de Lobo. "Na minha análise com o dr. Cabernite, nunca pude focar a questão da minha permanência na PE", conta ele. "Uma vez cheguei a ir fardado a uma sessão, mas nem isso motivou qualquer interpretação." Lobo garante ter feito também um curso de análise de grupo com o dr. Ernesto La Porta. Este o desmente e, por sua vez, acusa Cabernite. Seja como for, o fato é que Lobo ainda hoje atende seis pacientes em seu consultório de Copacabana.

Apesar de convocar uma assembléia para investigar "até o fim, doa a quem doer", as relações da SPRJ com Amílcar Lobo, o atual presidente interino da entidade, Jacob David Azulay, tratou também de reunir uma comissão de ética para julgar "a procedência ou improcedência das declarações públicas de Pellegrino e La Porta". O nome de Cabernite, porém, foi omitido. Denúncias de conivência com torturadores continuam, portanto, a ser objeto de suspeitas. "Eu, porque denunciei o envolvimento de Lobo com torturas, fui expulsão numa semana. Mas ele só foi desligado depois de sete anos", compara Pellegrino. Além disso, Azulay hesita em ceder as atas da época para iluminar a verdade. "As atas envolvem depoimentos pessoais de outros candidatos a analistas. Se as abrirmos, corremos o risco de nos expormos a muitos processos", alega. Azulay só convocou a assembléia do dia 7 sob pressão dos 26 analistas ligados ao movimento Fórum. O que eles propõem é a própria essência da psicanálise: mexer com os fantasmas do passado para que deixem de produzir novos sintomas. O fantasma que ainda hoje assombra muitos psicanalistas cariocas eram uma realidade quase palpável nos anos 70 - o medo. ▲

CHIQUITO CHAVES/AJB



Helena: ficha do DOPS na mesa